



BREVE HISTÓRICO DAS FORMAS DE SEPULTAMENTO EM MINAS GERAIS

Fábio Liberato de Faria Tavares

Resumo:

Este artigo pretende fazer um panorama sobre as diferentes formas de sepultamento que os habitantes do estado de Minas Gerais utilizaram, desde o início da povoação do território até a atualidade. Assunto rico e que chama a atenção por desde os primeiros vestígios humanos do continente, as cerimônias sempre foram repletas de detalhes e de simbolismo.

Palavras-chave: enterros; Minas Gerais; cemitérios.

Os primeiros mineiros e suas formas de enterrar os mortos

Alguns pesquisadores defendem que espécies de homínídeos como o *do Ramapithecus*, teriam habitado o território brasileiro a mais de 4 milhões de anos (FUNARI e NOELI, 2009). Entretanto, existem basicamente duas teorias mais conhecidas para explicar a chegada dos primeiros humanos no atual território Brasil. A primeira e cada vez mais menos aceita, aponta para a origem asiática dos primeiros moradores do continente americano. Eles teriam chegado por meio da travessia estreita de Bering, localizado entre a Rússia e os Estados Unidos a cerca de 12 mil anos. Aos poucos, esses grupos foram “descendo” pelo continente. Porém, com o encontro de crânio humano do sexo feminino em 1975 na região de Lagoa Santa-MG, com aproximadamente 11 mil anos e com a posterior reconstituição do seu rosto, feita em 1999 por pesquisadores da Universidade de Manchester, descobriu-se que as primeiras populações do continente têm mais semelhanças com povos africanos do que com asiáticos. Além de Luzia¹, as descobertas no sítio arqueológico de Pedra Furada no estado do Piauí a partir da década de 1970 coordenadas pela pesquisadora Niède Guidon indicam, por meio de objetos encontrados como ferramentas e restos de fogueira, que o homem está presente no que é hoje o território brasileiro a no mínimo 50 mil anos.

Na mesma região onde viveu Luzia, foram encontrados vestígios dos rituais funerários dos “primeiros mineiros”. Vestígios de cerca de 10 mil anos atrás proporcionam uma rica amostra de como a vida desses primeiros habitantes era muito mais complexa do

¹ O crânio foi batizado de Luzia em homenagem a Lucy, fóssil de *Australopithecus afarensis* encontrado na Etiópia em 1974 e que é o fóssil humano mais antigo já encontrado.

que pode supor o senso comum. Lima (2015) defende que: *“Mesmo na pré-história não se acreditava que a existência terminaria com a morte do homem, significando apenas uma simples mudança de vida”* (p. 19). Oliveira (2014), em reportagem para o jornal Estado de Minas, descreveu o interessante ritual funerário:

Primeiro, o corpo era mutilado, tendo pele, músculos e dentes retirados. Os ossos, desarticulados e queimados, recebiam um tratamento com pigmentos avermelhados, e eram eles que iam para a pequena cova, onde dividiam espaço com esqueletos de outros membros do grupo (p. 14).

Na mesma reportagem, o pesquisador André Strauss apontou que:

[...] na ausência de uma arquitetura sofisticada ou de ricos acompanhamentos funerários, a elaboração dos rituais mortuários passava pelo uso do próprio corpo do falecido como símbolo para expressar essa cosmovisão (Idem).

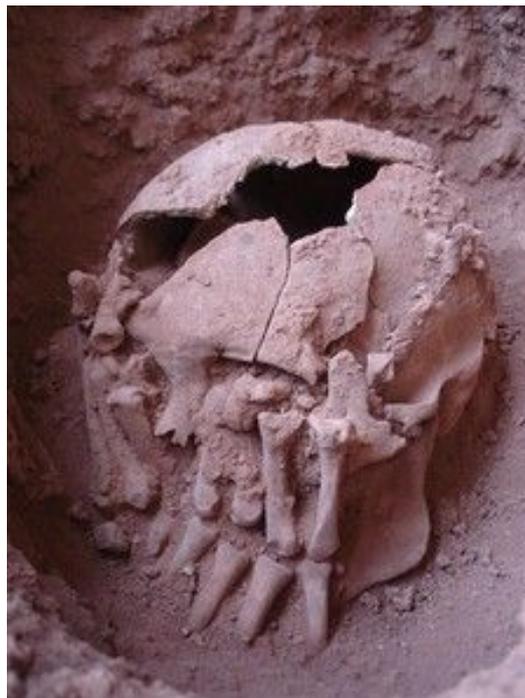


Imagem de crânio humano encontrado na região de Lagoa Santa. Ele foi enterrado com as mãos cobrindo o rosto. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/09/24/pesquisadores-encontram-cranio-decapitado-em-minas-gerais/> Acesso em 04 jan. 2016.

Para Lima (2015), essa riqueza nos rituais funerários é natural, pois:

Desde a remota antiguidade, os espaços destinados aos mortos (cemitérios) são reflexos culturais do mundo dos vivos, e assim permanecerem, transpondo os aspectos religiosos e materiais e mesmo na manutenção da ordem social vivida e pretendida no ‘além-túmulo’”(LIMA, 2015, p. 19).

Na medida em que os primeiros humanos foram chegando e formando comunidades, estas passaram por um processo de fragmentação que deu origem a novas línguas e culturas, tendo como consequência o surgimento de povos indígenas por volta de 4000 a. C.. Enquanto os primeiros habitantes eram caçadores-coletores, os indígenas dominaram técnicas agrícolas e com isso se tornaram capazes de fixarem moradia num local por longo período.

Outra capacidade desenvolvida pelos povos indígenas brasileiros foi na área da cerâmica. Os vasos produzidos eram utilizados para rituais religiosos, preparo e estocagem de alimentos e como urnas funerárias. Para Athayde (2013), essa variedade de funções que uma mesma peça tinha para esses povos indígenas se deve ao fato de que:

Para os indígenas, não existe separação entre religião e ciência. As dimensões espiritual, social, econômica e ecológica estão integradas na sua visão de mundo, e fazem parte do dia a dia de suas relações sociais com a natureza. Não há separação entre a produção de um objeto de uso diário e a produção artística (ATHAYDE, 2013, p. 31).



Urna funerária indígena. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Urna_funer%C3%A1ria%2C_MAE-USP_%282009%29.JPG. Acesso em: 4 jan. 2016.

Da invasão europeia à República: a mudança de hábitos

A colonização do território mineiro se iniciou no final do século XVII e com ela houve uma efetiva destruição do modo de vida indígena e em seu lugar a implantação do modelo lusitano. Apesar de a prática ter sido abandonada em muitos lugares da Europa ainda na

Idade Média, os enterramentos dentro de igrejas foram comuns em Minas Gerais até o século XIX, quando foi proibido por questões higiênicas (LIMA, 2015). A partir do século XVIII nas sociedades ocidentais, sob forte influência do Barroco, passou a ocorrer um revestimentoda morte, com grande exaltação e dramatização, tendo como efeito a construção de suntuosas estruturas funerárias como os mausoléus, que também serviam como distinção social quando os enterramentos saíram de dentro das igrejas e foram para as áreas externas. Antes disso, a principal forma de estabelecer diferenciações sociais era por meio do sepultamento próximo a capela mor e aos santos, destinado aos com melhores condições financeiras (idem). Com o novo hábito, os cemitérios ganharam beleza com as novas estruturas, mas estas eram um privilégio apenas das famílias mais abastadas.

Com o advento da República em 1889, os cemitérios se tornaram seculares e a sua administração passou para o poder público municipal, mas o padrão de sepulturas e mausoléus de grande imponência continuaram marcando presença nos locais de enterro do estado. Um exemplo é o cemitério do Bonfim na cidade de Belo Horizonte. A capital fazia parte de um novo projeto de nação: modernizador e autoritário. A nova capital de Minas Gerais, planejada e inaugurada em 1897 reservava a chamada “cidade oficial” para os comerciantes, grandes proprietários e funcionários da burocracia estatal. Já os que ajudaram na edificação da nova sede do poder estadual, ficavam relegados às áreas adjacentes. A circulação de mendigos nas praças da cidade era negada (DUARTE, 2007). Inclusive o próprio cemitério do Bonfim, o mais antigo da cidade em funcionamento, foi feito fora da cidade oficial por questões de “higiene pública”, ao lado dos excluídos da cidade. Conforme Almeida (2013):

A convivência entre mortos e vivos já não podia ser tolerada, daí a equilibrada distância a ser mantida, especialmente fora do perímetro urbano, em zona determinada como suburbana na planta da capital, num local de fácil acesso, mas que não maculasse a ordem, através da qual, a cidade se organizava (ALMEIDA, 2013, p. 75).

Ou seja, a “cidade dos mortos” foi pensada para ficar distante da cidade oficial, mas não haveria problema algum em sua proximidade dos outros habitantes, já que a região onde fica o cemitério é habitada desde o século XVIII por pessoas das classes menos favorecidas. A seguir imagens do cemitério.



Inaugurado em 8 de fevereiro de 1897, o cemitério entrou em funcionamento antes da inauguração da capital, ocorrida em 12 de dezembro de 1897. A imagem é do Mausoléu do Soldado do Fogo. Foto: Fábio Liberato de Faria Tavares.



Várias personalidades estão enterradas no local como a Sra. Júlia Kubitscheck, mãe do ex-presidente da república Juscelino Kubitscheck (1956-1961).Foto: Fábio Liberato de Faria Tavares.



Padre Eustáquio van Lieshout, de origem holandesa foi enterrado no cemitério em 1943 em clima de grande comoção na cidade já que ainda em vida era venerado como santo. Em 2006 foi beatificado. Seus restos mortais foram transferidos para a Igreja dos Sagrados Corações, local que teve o terreno doado em 1942 pelo então prefeito da capital Juscelino Kubitschek em agradecimento a milagre que ele atribuiu à interseção de Padre Eustáquio no bairro Celeste Império, que hoje leva o nome do religioso. Foto: Fábio Liberato de Faria Tavares.

A situação atual

Na atualidade, além dos cemitérios tradicionais, vem ganhando espaço um modelo de enterramento estadunidense: os cemitérios parque. O primeiro do Brasil foi o Cemitério da Paz, foi inaugurado em 1965 na cidade de São Paulo². Este tipo de local de sepultamento tem sua origem nas tradições protestantes e tem como objetivo nivelar os homens, sendo dessa forma o oposto do modelo católico com sua diferenciação baseada nas grandes estruturas como os mausoléus. A ascensão desse novo modelo se deve a vários fatores, mas o principal é o fato de ocorrer uma saturação dos cemitérios tradicionais. Em Belo Horizonte e em seus arredores são três os cemitérios-parque: Bosque da Esperança, particular, inaugurado ainda na década de 1980 e que conta até com heliporto, mostrando também que é um empreendimento com alta dose de sofisticação e voltado para

² Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/cemiterio-da-paz>>. Acesso em 21 ago. 2016.

as classes com alto poder aquisitivo. Também existe o Parque da Colina, público, criado na década de 1970 e o mais recente o Renascer, que iniciou as atividades em 2000 e conta com crematório. Este último localizado na cidade vizinha de Contagem-MG, onde os valores para a compra de um jazigo supera o valor das áreas mais valorizadas da cidade³. A seguir tabela comparativa dos valores cobrados nos jazigos e em bairro de classe alta.

Valores cobrados por m²

Local	Valor (em R\$)
Cemitério Parque da Colina	8.500,00
Cemitério Bosque da Esperança	7.272,00
Região da Savassi (metro quadrado mais caro de Belo Horizonte)	8.517,00
Bairro de Lourdes	7.350,00

Fonte: idem.

No cemitério Parque da Colina, por exemplo, o preço total de uma sepultura seria de cerca de R\$ 22.000,00. Tomando como base novamente a cidade de Belo Horizonte, os poucos cemitérios nos moldes tradicionais, o valor é bem mais baixo que num cemitério parque. O cemitério da Saudade cobra R\$ 3.398,73 por uma sepultura de acordo com o site Mercado Mineiro.⁴

No livro “Cemitérios de Minas: cultura e arte” organizado por Christina Lima há um reforço da ideia de que os cemitérios parque permitem uma “socialização da morte” (p. 11). Entretanto não é isso que os valores cobrados indicam, pelo, menos no caso de Belo Horizonte e redondezas. O que se observa é que os cemitérios parque promovem uma elitização da morte tão grande quanto a de cemitérios tradicionais. A diferença é que pela forma de enterramento ser padronizada, não se cria uma espécie de “ranking da riqueza” dentro do cemitério.

³Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/economia/jazigos-valorizam-mais-do-que-im%C3%B3veis-em-belo-horizonte-1.688193>>. Acesso em 20 mar. 2016.

⁴Disponível em: <<http://www.mercadomineiro.com.br/pesquisa/custo-morte-finados-precos-pesquisa>>. Acesso em 21 mar. 2016.



Apesar de não segregar como um cemitério com mausoléus, os cemitérios parque de Belo Horizonte e região estão longe se serem locais de democratização dos enterramentos devido aos altos valores cobrados. A imagem é do cemitério Bosque da Esperança. Foto de Fábio Liberato de Faria Tavares.

Referências

- ALMEIDA, O cemitério do Nosso Senhor do Bonfim: controle e ordenação da morte nos primórdios da capital mineira. In: Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte / v. 1, n. 1 (2014). – Belo Horizonte, MG: PBH, Fundação Municipal de Cultura, 2014. 202p.
- ATHAYDE, Simone. Cientistas, engenheiros e artistas. In: Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 8, nº 91: p. 30-32, abr. 2013.
- CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Ricardo de Moura. História de Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora Lê, 2005.
- CEMITÉRIO DA PAZ. Disponível em: <vejasp.abril.com.br/estabelecimento/cemiterio-da-paz>. Acesso em 21 ago. 2016.
- CEMITÉRIO DO BONFIM. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&app=fundacaoparque&pg=5521&tax=21224>>. Acesso em 16 abr. 2016.
- DUARTE, Regina Horta. À sombra do fícus: cidade e natureza em Belo Horizonte. Ambiente & Sociedade. Campinas v. X, n. 2, p. 25-44, jul.-dez. 2007.
- FUNARI, Pedro Paulo; NOELI, Francisco Silva. Pré-história do Brasil. 3. Ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.
- GROSSI, Pedro. Jazigos valorizam mais que imóveis em Belo Horizonte. In: O Tempo Online, 29 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/capa/economia/jazigos-valorizam-mais-do-que-im%C3%B3veis-em-belo-horizonte-1.688193>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- LIMA, Christina. Cemitérios de Minas – Cultura e Arte. Belo Horizonte: Sn. 2015.
- OLIVEIRA, Isabela de. Os rituais dos primeiros brasileiros. Estado de Minas, 26 set. 2014. Ciência & Tecnologia, p. 14.
- PADRE EUSTÁQUIO VAN LIESHOUT (1890-1943). Disponível em: <http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20060615_eustaquio_po.html>. Acesso em 16 abr. 2016.

SERVIÇOS DE CEMITÉRIO. Disponível em:
<<http://www.mercadomineiro.com.br/pesquisa/custo-morte-finados-precos-pesquisa>>.
Acesso em 21 mar. 2016.